

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



A Abbadia de Cluny, em França

EXPEDIENTE

Lembramos aos nossos dignos assignantes que a assignatura do **PROGRESSO CATHOLICO** é paga adiantadamente, para podermos custear as despesas que fazemos. Pedimos, pois, a todos os que não gostam de receber saques pelo correio, a fineza de nos mandarem satisfazer por todo o mez corrente. Depois d'essa data faremos saques geraes, e só evitam de os receber os que até ahi tiverem pago.

Os brindes annuncados podem ser requisitados.

Pedimos aos mesmos snrs. que, quando tenham de nos escrever, nos declarem o numero que teem na cinta do jornal, para mais facil expediente.

O novo ministerio

Apresentou em meados do mez findo o snr. ministro da fazenda, conselheiro Mattoso Santos as propostas fazendarias ao parlamento, tendo sido publicadas no *Diario do Governo* de 18 de fevereiro, proximo findo.

Fizeram grande impressão no paiz, e tam desagra-

davel foi ella, principalmente a que foi motivada por uma das propostas que se referia á reforma da pauta das alfandegas e do pagamento de 30 % em ouro dos respectivos direitos de importação, que se levantou o commercio de todo o paiz, protestando energicamente.

O resultado foi haver uma conferencia entre o snr. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros e o alludido ministro, a proposito da divergencia entre os restantes conselheiros da corôa, com especialidade em relação ás modificações da pauta. Queriam os ministros que, a ter de se exigir ao commercio o pagamento d'um terço em ouro, que não incidisse em todos os direitos, mas apenas sobre determinados artigos, em harmonia com as declarações do discurso da corôa. Contrariado o snr. Mattoso dos Santos, pediu a exoneração das suas pastas.

O snr. Hintze seguiu logo para o Paço e offereceu a el-rei a demissão collectiva do gabinete. El-rei accitou-a e encarregou de novo o chefe do partido regenerador a formar novo ministerio.

Em resultado d'isso, publicou-se no domingo 1 de março um supplemento ao *Diario do Governo*, contendo os decretos das novas nomeações. São como se-guem:

Presidente do conselho e ministro do reino, Hintze Ribeiro; ministro dos extrangeiros, conselheiro Wenceslau de Lima; ministro das obras publicas, conde de Paçô Vieira; ministro da fazenda, conselheiro Teixeira de Souza; ministro da marinha, general Gorjão; ministro da justiça, conselheiro Campos Henriques, e ministro da guerra, conselheiro Pimentel Pinto.

Em resumo: entraram pela primeira vez nos conselhos da corôa os snr. Wenceslau de Lima, conde de Paçô Vieira, e general Gorjão. Passou da pasta da marinha para a da fazenda, o snr. Teixeira de Souza, e ficaram gerindo as mesmas pastas, os snr. Hintze Ribeiro, Campos Henriques e Pimentel Pinto.

Apezar de tudo, continuou o movimento contra as propostas de fazenda, embora se soubesse logo de principio que alguma modificação se havia de fazer. Como, porém, ambos os ministros da fazenda, tanto o snr. Mattoso dos Santos (demissionario), como o snr. Teixeira de Souza, fossem medicos, recearam que, em vista da anemia profunda de que está affectado o thesou-ro, ambos receitassem o mesmo remedio... e isso é que não convinha.

A. P. A.

O Jubileu de Sua Santidade Leão XIII no Porto

Acatando os desejos expressos na Pastoral do nosso amantissimo Prelado, em todas as egrejas d'esta cidade se celebraram solemnisimos *Te-Deum*, em acção de graças pelas bodas de prata do Supremo Pastor da Igreja Catholica, o venerabilissimo Papa Leão XIII.

No dia 3 de março, dia em que se celebrava o vigesimo-quinto anniversario da sua solemne coroação, celebrou o nosso venerando prelado um solemne *Te-Deum* na Sé Cathedral, para o qual foram convidadas todas as auctoridades ecclesiasticas, civis, judiciaes e militares. Compareceu tambem um numero consideravel de senhoras e tudo quanto o Porto tem de mais distincto e illustrado. Dizendo isto, está dito tudo.

A's onze e meia da manhã, entrou S. Ex.^a Rev.^{ma}, o snr. D. Antonio Barroso, rodeado de todo o cabido e precedido do numerozo clero da cidade e seminaristas.

O Prelado, depois de paramentado de Pontifical, diri-

giu-se para um solio levantado sobre um estrado á entrada da capella-mór, do lado do Evangelho

E tomando para thema estas palavras do Evangelho: «Et ego dico tibi quia tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam», produziu a mais formosa, a mais bella, a mais esplendida oração congratulatoria que tem sido ouvida ha muitos annos nos templos da cidade invicta.

Por mais de hora e meia o excelso Prelado fez ficar extaticos os numerosissimos ouvintes, que, pendentes dos seus eloquentissimos labios, não sabiam que mais admirar, se a exuberancia da sua erudição, se a lucidez do seu espirito, se a sua arrebatadora eloquencia, se a santa suavidade do seu bondoso coração.

Não nos é possível, nem a estreiteza do espaço que dispomos nol-o permite, dar sequer uma pallida idea d'aquelle admiravel, grandioso e monumental discurso, que tam fundamente calou no animo de tam selecta assemblea. Vamos dar, porém, uma grata noticia a todos os nossos leitores em geral, e com especialidade áquelles dos felizes que o ouviram no dia 3 de março na Sé Cathedral, e que apezar de tanto tempo escutarem o orador, ninguem se sentia cansado de o ouvir, tal era a magia da sua voz, tal era o cunho do seu notabilissimo talento. O proprietario d'este jornal, tendo pedido e obtido de S. Ex.^a Rev.^{ma}, auctorisação para dar á luz da publicidade tam monumental discurso, em breve o publicará em volume especial. Para elle chamamos a attenção dos nossos leitores, certissimos de que será por todos lido: pelos que o ouviram, pois que muito os alegrará verem de novo reproduzidas tantas perolas litterarias; e pelos que o não ouviram, para poderem ver o que foi o discurso do nosso grande Prelado.

O templo estava formosamente engalanado, como nunca nos lembra de o ter visto.

Em seguida foi entoado o *Te-Deum*, alternado pelo clero, e pela grande instrumental da capella Silvestre, sob a regencia do snr. Alfredo Maia.

*
* *
*

A' noite abriu-se de par em par o grande salão da Associação Catholica, na rua de Passos Manoel. Ahi vimos novamente reunida a *elite* da sociedade portuense, representada por um numero consideravel de senhoras, em *toilettes* de gala, e por uma selectissima concorrencia de cavalheiros da nossa primeira sociedade.

Era a Associação Catholica portuense que celebrava uma academia religiosa para solemnisar tam fausto acontecimento.

O salão que estava artistica, profusa e elegantemente engalanado, encheu-se completamente. Presidiu o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Prelado da diocese, que tinha a seu lado o snr. coronel d'artilheria, conselheiro Brandão de Mello, presidente da Associação Catholica, o snr. Chefe do departamento maritimo do norte, commandantes da guarda municipal e da corveta Estephania, Vigario geral da diocese e varios cavalheiros de distincção social.

Começou a academia pelo hymno de Sua Santidade, executado por um sexteto composto de distinctissimos professores.

Em seguida o Ex.^{mo} Presidente declarou aberta a sessão, discursando os Ex.^{mos} e Rev.^{mos} conselheiro dr. Moreira Freire, abbade de Santo Ildefonso e Monsenhor Francisco Xavier da Cunha, Conego da Sé de Braga, e secretario particular do snr. Arcebispo Primaz, e o Ex.^{mo} Snr. Dr. Alberto Pinheiro Torres, director da casa da Correção do Porto. O Ex.^{mo} Snr. Manoel Candido Lou-

reio Domingues recitou magnificamente a poesia do nosso collaborador A. Moreira Bello, *Saudação a Leão XIII*, e o Ex.^{mo} Snr. Domingos Gonçalves de Sá Junior uma poesia de Sua Santidade Leão XIII, *Avé-Maria*, versão do Rev.^{mo} Campo Santo.

Tanto os oradores, que foram eloquentíssimos, como os poetas, foram muito applaudidos.

O sexteto executou mais: a *ouverture* do «Secret de la Reine» de Ambroise Thomas, o *intermezzo* da *Cavalleria Rusticana* de Mascagni, uma *selection* do «Garin» de Breton, a *Avé-Maria* de Gounod, a *Arlesienne* de Biset, e por ultimo o hymno da Associação Catholica. Alem d'isso um tercetto composto dos snrs. capitães d'artilheria Ferreira Junior, Pinheiro d'Aragão e Xisto Lopes (violino, violoncello e piano), executaram a *Marcha do Tanhauser* de Wagner; a Ex.^{ma} Snr.^a D. Henriqueta Pauly cantou com maviosa voz de mezzo-soprano a *Avé-Maria* de Luzzi, e tocou na harpa a *Pierlata* de H. Wieland; e o Ex.^{mo} Snr. Alvaro d'Oliveira Baptista cantou com muito sentimento a *Invocazione á Dio* de A. Mawani.

Todos foram muito applaudidos.

Resta agora dar um voto de louvor á Ex.^{ma} Direcção d'aquella casa, pelo lusimento d'esta festa, que faz lembrar os tempos aureos da formação da Associação e o nosso agradecimento pelo seu amavel convite.

ESTUDOS

O Santo Sudario de Turim

III

Nos primeiros tempos do christianismo, os christãos não se atreviam a representar as formas physicas de Jesus. A ardente fé dos refugiados nas catacumbas julgava-os indignos de figurar a forma humana de Christo, recorrendo por isso ao symbolismo.

E assim, vêmol-o nos muros d'esses subterraneos de refugio, representado sob o symbolo d'um peixe, d'uma ancora, d'uma pomba com um ramo de oliveira, ou d'um pastorinho tendo sobre os hombros uma ovelhinha.

A forma d'um peixe é um simples acrostico. Escrevendo-se em grego esta phrase: «Jesus Christo, Filho de Deus, Salvador,» e reunindo as primeiras letras de cada uma das palavras que a compõem, obtem-se o vocabulo peixe (ichtyos).

Effectivamente, durante toda a epocha em que se poderia conservar uma recordação directa de Christo, era escrupulosamente interdito fazer-se imagens suas. Recavam que ellas viessem a ser profanadas pelos pagãos.

E assim, aquelles que poderiam ter deixado alguns documentos graphicos sobre a physionomia de Jesus, nada deixaram.

Mais tarde, porém, traçaram-se algumas figuras d'ella. As mais antigas são as encontradas nas catacumbas de S. Callixto e de Santa Cecilia, que remontam ao seculo III, e por isso não tem valor algum quanto á semelhança.

Demais, nem nos Evangelhos, nem nas Epistolas, nem nos documentos escriptos nos dois primeiros seculos do christianismo ha a menor referencia ao retrato de Jesus.

Os primeiros Padres da Egreja tinham o sentimento unanime de que Christo era desprovido dos caracteres que, sob o ponto de vista humano, constituem a belleza. Isto mesmo estaria de accordo com o papel que na terra desempenhou o Redemptor.

Vindo para dar o exemplo da humildade, da resignação e do pungente soffrimento, Jesus ter-se-hia feito valer unicamente pela belleza moral. «Elle appareceu sem bel-

leza,» diz Justino o Martyr, que vivia no seculo II. «Despojara-se de toda a belleza humana,» ajunta Clemente d'Alexandria. Tertulliano diz que a presença de Christo não lhe era favoravel, «de tal modo o seu corpo se achava desprovido de nobreza humana». E como o pagão Celso lançasse em rosto aos christãos o seu culto por um ente de tão mesquinha apparencia, Origenes reconhecia que, effectivamente, podia faltar alguma cousa á belleza do Salvador, limitando-se a protestar que a expressão do seu rosto ao menos era nobre e divina.

Santo Agostinho, que vivia no seculo V, tinha visto todas as numerosas imagens de Christo que existiam no seu tempo, e declara que eram todas differentes umas das outras. E ajunta em termos formaes: «Nós ignoramos completamente como era o rosto de Christo.»

Mais tarde, foi o sentimento contrario que prevaleceu. A' perfeição moral deveria ter se aliado a perfeição physica, porque a belleza é absoluta e não admite meio termo. Se a alma fôra bella, dever-o-hia ter sido tambem o corpo. O principal argumento dos que sustentam a ideia da belleza é que Christo possuia no mais alto grau, no olhar, na voz e no gesto, o dom da seducção e da authoridade.

Com esta ideia da belleza creara-se o celebre typo classico do Salvador, que com ligeiras variantes o passado nos transmittiu. E' a mais requintada expressão da harmonia plastica: supercilios arqueados, nariz aquilino, bocca graciosa, cabellos de ouro apartados ao meio e cahindo sobre os hombros em madeixas ondeadas, barba rara deixando descoberto os labios e cahindo em uma dupla ponta. D'onde viria esta concepção?

Era de tradição constante entre os primeiros christãos que a imagem de Jesus se tinha fixado miraculosamente em alguns pannos de linho, nos quaes o seu rosto se tivesse demorado.

Contava-se, por exemplo, que durante a vida de Jesus, estando doente um rei syrio chamado Abgar, e ouvindo elle fallar dos milagres de Jesus, teve a ideia de o mandar ir vê-lo e curá-lo. Encontrando o a embaixada em Philippes, Jesus escusou-se ao pedido, mas tendo em presença dos embaixadores lavado a face, esta ficara impressa no panno a que se enxugara. Os enviados, estupefactos, pediram para levar a Abgar esse retrato, o que lhes foi concedido. Isto mesmo bastou para que Abgar se restabelecesse, resultando ser essa reliquia muito venerada no Oriente.

Do mesmo modo se conta que, durante a Paixão, uma das santas mulheres chamada Veronica (vera icon, verdadeira imagem) tendo-se approximado do Salvador para enxugar-lhe o rosto sangrento, a imagem divina ficara miraculosamente gravada no estofa. Actualmente este véu é exposto á veneração dos fieis em um dia da semana santa, na basilica de S. Pedro, em Roma.

Estas imagens conservadas nos santuarios do Oriente e Occidente não differem do typo classico.

Contribuíram ainda para fixar o typo que nós conhecemos? E' muito possivel. Demais, achamos este typo claramente definido em duas descripções, uma do seculo VIII e outra do XII. A primeira é de S. João Damasceno, respondendo aos Manicheus. Representa Jesus como um homem alto e bello, de cabellos annelados, sobranceiras arqueadas, rosto oval, tez pallida, cabellos e barba da côr do trigo maduro, olhos brilhantes como os da Virgem, uma attitude levemente inclinada, voz dôce e sonora, um olhar cheio de doçura, de sabedoria e dignidade.

A outra descripção, para sempre famosa nos fastos da Arte, encontra-se n'uma carta que um certo Lentulus, «presidente do povo de Jerusalem (sic)», teria escripto ao Senado romano, em vida de Jesus. «Appareceu, diz elle,

n'estes ultimos tempos, um homem d'uma alta estatura, bello, d'uma presença tal que inspira aos que o vêem ao mesmo tempo o temor e o amor. A sua cabelleira é fluctuante e annellada, um pouco da côr dos cachos d'uvas, cahindo-lhe sobre os hombros, e dividida em duas partes ao meio da fronte, segundo a moda dos Nazarenos. A sua fronte é d'uma calma perfeita, sem rugas e côra-se de um delicado rubor. O nariz e a bocca são d'um desenho impecavel. A barba é abundante e da côr da avelã madura, como os cabellos. E' curta e dividida em duas pontas. Os olhos são salientes, brilhantes, e d'uma côr cambiante. Na colera é terrivel, mas calmo e affectuoso na conversa, jubiloso até, sem desmerecer a sua dignidade. Nunca o viram rir, mas sim algumas vezes chorar. As suas mãos e membros são bem formados. A fallar, é grave, reservado e modesto.»

Eis o typo tradicionalmente historico. No entanto, os grandes pintores confessavam a insufficiencia dos seus pinceis para com os recursos da arte humana representar a physionomia d'um Deus. Dizem-nos os historiadores que Leonardo de Vinci tremia de emoção ao tentar pintar a cabeça do Salvador. Deixavam, portanto, ver, como os christãos das catacumbas, que a imagem de Christo não podia ser traçada pela «mão dos homens». Ora, eis que precisamente se nos mostra hoje um retrato de Jesu, que não teria sido feito pela «mão dos homens».

E' difficil conceber-se uma descoberta mais imprevista e mais sensacional. Rigorosas investigações sciêntificas formaram ao redor do Santo Sudario de Turim um ambiente de verdade, podendo quasi afirmar-se que possuímos actualmente a verdadeira effigie do Salvador.

Daremos a summula d'esta descoberta.

(Continúa)

P.

APRECIAÇÕES LITTERARIAS

J. K. Huysmans

(A propsito do livro «A caminho»)

Agora que as obras d'este grande escriptor catholico e incontestavelmente a primeira individualidade litteraria da França estão vulgarisadas em portuguez, a leitura do «A caminho» suggerir-nos as linhas que vão lêr-se.

Em primeiro logar é preciso que se saiba que a obra litteraria de Huysmans não se limita ao volume «A caminho». Esta publicação representa apenas uma epoca notavel da vida d'este escriptor francez. E' a transição entre a phase do naturalismo á Zola, affirmada brilhantemente nas paginas da *Marthe*, *Les Soeurs Vatelards*, *En ménage*, *A' rebours*, *En route*, *Sac au dos*, *A' vau l'eau*, *Un dilemme*, *Le drageoir aux Epices*, *Croquis Parisiens*, *La Bièvre*, *L'art Moderne*, *Certains*, *Pierrot Scéptique*, e *Lá Bas*, e a phase mystica com o *En route* (A caminho) e continuada com a *Cathédrale*, *La Bièvre et Saint-Séverin*, *Saint Lydwine de Schiedam*, *De tout*, e *L'Oblat*. Com um nome assim consagrado no grande mundo litterario francez, onde as obras acima citadas tiveram centenas de edições, Huysmans não é uma d'essas vulgaridades, cujo elogio tem de ser feito á custa da banalidade dos adjectivos encomiasticos, nem um escriptor que qualquer possa criticar sem uma leitura conscienciosa das suas obras. Porque, ou nos refiramos ás da sua primeira phase, áquellas em que elle enfileirou ao lado de Zola, ou tenhamos de fallar d'essas que traduzem a extranha revolução que se operou no seu espirito, sômos forçados, no primeiro caso, a admirar n'elle uma pujança de ideal e um colori-

do de estylo que o elevam acima do seu mestre, e, no segundo temos de confessar que é preciso ser-se um bom psychologo, um profundo conhecedor da alma humana, para fazer uma apreciação justa de livros como o «A caminho».

Vergontea d'uma raça de artistas de pintores hollandezes, Huysmans, diz um seu biographo, «póde vangloriar-se de não ter trocado o pincel senão na apparencia, porque a sua penna é um verdadeiro pincel.» Justissimas palavras. Se a lei da hereditariedade precisasse de demonstração, Huysmans como exemplo, era um argumento irrefutavel. O seu estylo é uma verdadeira pintura; as imagens succedem-se com um destaque, uma gradação de côres, uma graça de movimentos que fascinam. Abra-se qualquer livro da sua primeira *maneira*, a naturalista, ou folheie se ao accaso uma brochura da segunda, a mystica: sentimo-nos attrahidos para aquellas filas de typo, como se os caracteres se movessem, qual magico pincel, contornando figuras reaes ou mirabolantes, doloridas ou austeras. Huysmans é em todas as suas paginas um grande artista, e eis a sua feição peculiar.

Já é tempo, porém, de dizermos alguma cousa ácerca do livro «A caminho» que o snr. Bellarmino Pereira tão cuidada e proficientemente traduziu. Eis o seu entrecho em duas palavras: Vagueando ao accaso pelas ruas de Paris, baldio de ideias que lhe dessem assumpto para um novo livro, Huysmans entra uma noite em S. Sulpicio, onde se estava celebrando a oitava dos defunctos. O sombrio das naves abobadadas de pesados arcos que as alampadas alumiam a custo, o ruido surdo do órgão, o som cavo do violoncello, o mugido dos rabecões, a toada plangente das vozes, chorando o *De profundis*, esse canto sublime entrecortado de soluços,—esse quadro lugubre e ex- tranho, apanhando-o de improviso, torce-lhe os nervos, agita-lhe o coração. Depois, ainda o vêm lançar em mais dolorosa cogitação e como que o aniquila aquelle psalmo tremendo de David: «Senhor, Senhor, se tendes tomada conta de todas as nossas iniquidades, quem é que obter perdão?» Alma de artista, deixa-se enlevar pelo canto liturgico e pensa então no que a Arte deve ao Catholicismo: na pintura, os quadros geniaes dos Primitivos; na poesia e na prosa, a Mystica; na musica, o cantochão; na architectura, o romanico e o gothico. Tudo isso «erecto, flamejava n'uma só gerba, condensado n'um tufo unico de pensamentos dirigidos a adorar e servir o supremo Dispensador de todos estes dons,» tudo isso acaba por lhe accender na alma o pharol da creença. E, com effeito, n'essa noite de S. Sulpicio, deu elle o primeiro passo na sua estrada de Damasco. D'ahi em diante, succederam-se as visitas aos templos, attrahido pela musica das capellas, pela luz mysteriosa dos vitraes, pelos assumptos das telas dos Primitivos, ou pelos rendilhados do granito.

E n'esta sua peregrinação, um dia vae dar á sua Glacière, a uma pobre capella de Franciscanas. Contam-lhe ahi a vida d'essas religiosas: «dormir sobre uma enxerga de palha, sem travesseiro nem lençoes, jejuar sete mezes no anno, excepto aos domingos e dias de festa; comer sempre de pé legumes e alimentos de magro; passar sem lume no inverno; psalmodear horas e horas sobre um lagado glacial; mortificar o corpo; ser assaz humilde para no caso de ter sido delicadamente educada, acceitar com alegria o encargo de lavar a louça e de occupar se nos trabalhos mais baixos; orar todo o dia até á meia noite, até cahir de cansaço, e orar assim até á morte!»

Este stoicismo acabou de decidir a sua rasão já abalada pelas successivas visitas aos templos. Durtal (é este o pseudonymo com que Huysmans occulta o seu nome n'este livro,) Durtal, perturbado, inquieto vae no dia seguinte procurar um abbade com quem se relacionara

n'uma livraria, quando andava á procura de obras sobre a vida de Santa Lydwina.

Tal foi a impressão moral d'esta primeira visita que, seguindo-se-lhes outras, ellas o conduziram a um *retiro*, á Trappa de Nossa Senhora d'Igny, onde esteve alguns dias em contacto com os monges de S. Bernardo, cuja vida monastica descreve admiravelmente. Convertido, elle, depois de formidaveis luctas internas, de combates em que a razão quasi por por vezes sossobrava, eil o de volta para Paris, «muito homem de letras para se fazer monge, e muito monge para ficar entre os homens de letras.» Taes são as palavras com que fecha o livro cujo contexto acabamos rapidamente de esboçar.

Este livro é, pois, uma preciosissima joia litteraria. Se o assumpto—uma conversão—não é de molde a provocar grandes emoções, sente-se a gente, comtudo, tentada a seguir n'aquellas paginas a narração animada, fluente e colorida d'essa batalha tremenda travada entre a Razão e a Consciencia d'um homem que, não sendo um S. Paulo, é, todavia, um espirito superior que velejou para outro rumo, crente de que achará ahi a paz e a felicidade que o Mundo lhe negava.

D. C.

LITTERATURA

Historia tragico-maritima

Para portuguezes, o mar tem attractivos especiaes. Para nós, elle é o caminho das conquistas, dos descobrimentos, da poesia, da inspiração artistica, da gloria nacional.

A nossa bella architectura manuelina, as capellas imperfeitas na Batalha e nos Jeronymos teem, na escola dos ornatos predilectos, na repetição de certos pormenores, o profundo cunho maritimo; vê-se a miudo a preocupação do embarcadico; acha-se a cada passo a revelação do marinheiro.

O nosso mais bello livro de versos, é um poema maritimo, os *Lusitadas*.

A mais extraordinaria obra, que em Portugal se tem escripto em prosa é a *Historia tragico-maritima*, uma relação de naufragios.

Em nenhuma outra litteratura conheço livro que se compare com este. A *Historia tragico-maritima* é a narração de celebres catastrophes, copiada litteralmente da noticia oral, repetida muitas vezes por uma testemunha presencial, do caso referido. Nunca o talento dramatico produziu rasgos mais commoventes, effeitos mais profundamente tocantes; nunca a tragedia achou notas mais sentidamente elegiacas; nunca a arte descriptiva tornou mais palpitante e viva a acção narrada; nunca finalmente a sciencia da linguagem, e o poder do estylo acharam para um assumpto formas mais adequadas, toques mais profundos, simplicidade mais real, mais pittoresca, mais suggestiva, mais completamente e mais cabalmente artistica. Não fazem melhor os maiores mestres, Eschylo, Shakespeare, Carbyle.

Na historia do naufragio do galeão grande S. João, o desastre de Manoel de Souza de Sepulveda, a morte de sua mulher e de seus filhos que elle enterra por suas proprias mãos, constitue uma pagina primorosa e inexcédível. Roubados, insultados, despidos pelos cafres, Manoel de Souza, com sua familia, despedem-se dos seus companheiros de infortunio, dos naufragos do galeão grande, que Manoel de Souza commandava. Os marinheiros proseguem, chorando de saudade e de lastima, a sua viagem dolorosa no sertão. Manoel de Souza fica, aparentemente indifferente, nu, com uma com-

pressa molhada na cabeça, a procurar conter o juizo que lhe foge.

«Depois que André Vaz se apartou de Manoel de Souza e de sua mulher, ficou com elle Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quaes se salvaram trez, que vieram a Goa, e contaram como viram morrer D. Leonor.

Manuel de Sousa, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer; e, sendo ainda manco d'uma ferida que os cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado, se foi ao mato buscar fructas para lhes dar de comer. Quando tornou, achou D. Leonor muito fraca, assim de fome, como de chorar, e achou um dos meninos morto, que por sua mão enterrou na areia.

Ao outro dia tornou Manuel de Sousa ao matto a buscar alguma fructa, e quando voltou, achou D. Leonor fallecida e outro menino. E sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não fez mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas d'ali, e assentou-se perto d'ella, e com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar, nem dizer coisa alguma, estando assim com os olhos postos n'ella. E no menino fez pouca conta. E acabado este espaço se ergueu, e começou a fazer uma cova na areia com ajuda das escravas, e sempre sem dizer palavra, a enterrou, e o filho com ella. E acabado isto tornou a tomar o caminho que fazia quando ia a buscar as fructas, sem dizer nada ás escravas, e se mettu pelo matto, e nunca mais o viram.»

Nada mais simples, mais sublime, mais palpitante-mente dramatico, mais fundamente tragico. Em todas estas narrativas, nem uma só observação psychologica. Tudo é objectivo, exterior, como nos mais modernos processos de estylo tam meditados, tam perfeitos, tam scientificos, da escola de Flaubert. A impressão de quem lê, é lancinante e profunda. Como não temos de desviar-nos, com o auctor, pelas divagações criticas da analyse dos sentimentos, o facto, em toda a sua humana inteireza, apodera-se de todo o nosso espirito, e a commoção penetra-nos até á consternação e até ás lagrimas.

Este admiravel livro, unico na litteratura portugueza, feito inconscientemente por aquelles que o trasladaram da versão popular, foi o mar, o grande mestre, que o inspirou á poetica alma aventureira dos navegadores portuguezes.

Camões, tendo encontrado, em Moçambique um dos marinheiros sobreviventes ao naufragio do galeão de Sepulveda, e ás aventuras subsequentes, houve d'elle a historia do desastre, e pôe-a na bocca do Adamastor, quando este profere as delicadas e saudosas estrophes, que principiam:

«Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro e namorado...»

RAMALHO ORTIGÃO.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Março
15
1903

E' eleito Papa Santo Anastacio I, no anno 398. Faz hoje portanto 1505 annos. Governou a Santa Egreja de Jesus Christo, durante 3 annos até 402.

Pensamentos:

Quando alguem tem pão em sua casa, tambem tem em sua casa amigos. P. Manoel Bernardes.

Quem entra a introduzir uma lei nova, não pode tirar de repente os abusos da velha. *Padre Antonio Vieira.*

Se a bolsa enche, alegre-vos; se vasa, entristecei-vos; e porque nunca está cheia por muito tempo, por isso dura pouco em vós a alegria. *Padre Francisco de Mendonça.*

Mais valor é necessario para saber perder, que para saber alcançar; mais para desprezar do que para emprehender. *A. Souza de Macedo.*

Não sabe as leis de amizade o que, ouvindo murmurar ou detrahir do amigo, não acode a defender a sua fama, antes se cala, que vale o mesmo n'estes termos que consentir com o murmurador. *P. Manoel Bernardes.*

Notas de sciencia:

As formosas flôres que tanto nos agradam em todo o tempo, parecem accumular no inverno maiores encantos e attractivos que na primavera e no verão.

O descobrimento e applicação do methodo de produção forçada de flôres em Dezembro e em Janeiro por meio do ether e do chloroformio ha de vir a modificar em grande forma os actuaes procedimentos da cultura de muitas plantas de jardins.

Mr. Johanssen, professor de Phisiologia vegetal na escola superior de Agricultura de Copenhague, continuando os estudos encetados por Claudio Bernard, ácerca da acção do ether, sobre os vegetaes, observou que os vapores d'essa substancia activam notavelmente o curso vegetativo de muitas plantas, e sobretudo anticipam a florescencia dos arbustos temporãos. Em 17 de Novembro de 1893, apresentou o citado naturalista á Academia das Sciencias de Dinamarca, os primeiros lilazes formados por meio da electrificação, e, multiplicando depois os seus ensaios, publicou em 1900 o li-songeiro resultado.

Os vapores do ether e do chloroformio teem a propriedade de provocar o nascimento dos botões das flôres, conseguindo ao mesmo tempo, que se abram de uma forma regular. Esta acção manifesta-se muito especialmente n'aquellas plantas cujos gomos se apresentam antes do inverno, como acontece com os lilazes, as azalias, a hortencia, etc.

O ether e o chloroformio operam, segundo as plantas e as circumstancias, como anestésicos, estimulantes ou excitantes das reservas destinadas ao desabrochar das petalas, que tomam grande desenvolvimento, começando por despir as escamas que as protegem ou divisões do calice que as cobrem, e tudo isso se opera progressivamente, d'um modo muito accentuado.

Até agora só as petalas se punham em movimento, quando o systema radicular entrava em funcções, debaixo da acção do calor.

O processo da etherisação e da chloroformisação dos arbustos destinados a produzir flores em pleno inverno, tem sahido ja dos estreitos limites do laboratorio.

Já teem sido feitas importantissimas installações em Berlim e em Hamburgo, com o fim de se explorar a nova industria em grande escala, e os ensaios verificados ao sul da França alcançaram um exito completo e inesperado.

Curiosidades:

Um enxame, geralmente, compõe-se d'um pequeno numero de machos, ou zangãos, e de milhares de fêmeas, de que poucas, e muitas vezes uma apenas, go-

sam da faculdade da reprodução. A abelha reproductora é o chefe da colmeia; as outras formam a nação laboriosa, activa, intelligente e essencialmente democratica.

Estabelecida n'um cortiço, ou na cavidade d'um tronco, a colonia agrupa-se em graciosos festões, pendurando se das asperezas da sua habitação; uma parte, porém, das operarias cuidam da rainha, acompanham-na, guardam-na, para que não se exponha aos perigos, nem fuja dos seus novos estados.

Um pequeno numero das cidadãs da republica, abelhas amestradas pela experiencia e instruidas em engenharia civil, percorrem o interior do cortiço, estudam o logar melhor para as construcções, escolhem a abertura que deve comunicar com o exterior, traçam o plano da defesa, e trabalham em quebrar as asperezas e dispor a superficie interna da sua habitação, para se fixarem as colmeias d'um modo regular e com a necessaria estabilidade...

As abelhas operarias, enquanto se executam estes primeiros trabalhos, estão segregando d'entre os anneis, que lhes formam o abdome, laminas finissimas de cera, isto é, estão preparando o material mais importante para a construcção dos favos. Logo que a cera está preparada, algumas das operarias vão ao alto da cavidade, onde se introduziu o enxame, e depoem ahi uma informe e pouco volumosa massa de cera; então algumas engenheiras occupam-se em construir e affieçoar na cera assim disposta aquelles formosos alvéolos que infundem pasmo aos naturalistas, e que são dignos da admiração dos geometras. O trabalho progride sem interrupção, e em pouco tempo acham-se preparadas as cellulas, onde se devem crear os descendentes da abelha mestra. Não são todos eguaes os berços construidos pelas abelhas operarias; alguns distinguem-se apenas dos mais communs e mais numerosos, por terem dimensões um pouco maiores; outros differenciam-se pela forma, que é semelhante á d'uma glande, e pela sua grandeza consideravel. Estas cellulas, estes berços luxuosos, são destinados para ali se crearem as futuras chefes do estado, as abelhas mestras, que hão de governar os futuros enxames.

Quando as construcções se acham já bastante adeantadas, para que a rainha possa exercer a sua mais bella função social, a de dar novos cidadãos á republica, o diligente chefe de estado percorre os favos, examina cuidadosamente os trabalhos publicos, e só depois começa a depor um ovosinho em cada alvéolo.

O povo industrioso das abelhas não tolera a preguiça nem os preguiçosos. As fêmeas operarias matam cruelmente todo o sexo masculino, sem exceptuar mesmo os zangãos que ainda estão no ovo.

J. D'ANDRADE CORVO.

Humorismos:

— Compadre, vi hontem uma lebre, que não ha galgo que a possa alcançar. Tinha além das quatro patas naturaes, outras duas sobre as costas, de modo que, quando se cançava de correr d'um lado, voltava-se do outro.

— Muitas d'essas tenho eu já caçado! respondeu o outro imperturbavelmente.

— Mas como? — disse o primeiro.

— Ligando as minhas duas galgas pelo lombo.

*

A seguinte anedocta significa uma lição tam importante que foi a base do moderno constitucionalismo. Washington e Thomaz Gefferson cavaqueavam in-



A Anunciação de Nossa Senhora

timamente em certa noite. Serviu-se o chá, e Jefferson preparava-se para deitar o liquido no pires, porque estava extremamente quente. N'essa occasião, Washington, deteve-o, dizendo-lhe:

—Que vae fazer?

—Que é? — disse Jefferson surprehendido —, vou deitar no pires parte do chá; que tem isso de extraordinario?

—Mas para que faz isso?

—Ora essa! E' para o arrefecer; bem vê que o não posso tomar a escaldar.

—Em vista d'isso, estou a ver que precisa de duas

chavenas; não lhe basta uma, e faz ainda chavena do seu pires.

—Sem duvida que assim é preciso—replicou Jefferson, cada vez mais enleado—, é o unico meio de me não queimar. Faço-o por mera prudencia.

—Ora ahi tem, exclamou Washington, é por essa mesma razão que queremos duas camaras.

A prudencia aconselha que se não obrigue o povo a engulir uma lei, quando ella sáe, ainda fervente, das deliberações apaixonadas de uma camara; é preciso dar-lhe tempo de arrefecer, passando por uma segunda camara.

Versos escolhidos :

Sabem a historia triste
Do bom reitor ?
Misero, toda a vida
Levou com dôr.

Fez quanto bem podia,
Mas... afinal
Morre, e na pobre campã
Nem um signal.

Nem uma cruz ao menos
Se ergue do chão !
Geme-lhe, só, no tumulto
A viração.

Vêdes, além, na relva
Junto ao rosal,
Flores que ha desfolhado
O vendaval ?

Cobre-lhe a lousa humilde
A creação;
Pagam-lhe assim a divida
De compaixão.

Pobres que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para resar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As creancinhas nuas,
Que estremeceu,
Ja nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral visinho,
Ao pôr do sol
Vae-lhe carpir saudades
O rouxinol.

Lagrimas... pobre campã !
Ai, não as tem :
Só da manhã o orvalho
Rocial-a vem.

Da solitaria lua
A triste luz
Grava-lhe, em vagas sombras,
Extranha cruz.

E elle repousa, dorme,
Vive no céu:
Dorme, esquecido e humilde
Como viveu.

Ha n'esta vida amarga
Sortes assim;
Vive-se n'um martyrio,
Morre-se emfim.

Sem que memoria fique
Para contar,
A's gerações que passam,
Nosso penar.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado fôr,
Ore pelo descanso
Do bom reitor.

Julio Diniz.

COLLABORAÇÃO

O' Gloriosa Virginum

O' Gloriosa entre as virgens
Sobre estrellas exaltada,
Vós aleitades amorosa
O por quem fostes creada.

O que Eva infeliz tirara,
Vós com a alma Prole daes,
Aos filhos de Adão chorosos
Do céu franqueando os portaes

Vós do alto Rei sois a porta,
Da Luz côrte esclarecida:
Vida pela Virgem dada
Applaudes, gente remida.

Jesus, da Virgem nascido,
Sêde pois glorificado,
C'o Padre e Espirito Santo,
Por tempo nunca acabado.

A. MOREIRA BELLO.

Dia de Natal

Resoam nas abobadas dos templos como no céu este cantico sublime que deixa a alma extatica, absorta na contemplação do que elle encerra: Gloria a Deus no céu, na terra paz aos homens». N'este cantico divinal vê-se e comprehende-se a realisação d'uma profecia. O homem, accorrentado com os ferreos grilhões do escravo braceja livremente e exclama: sou livre, nasceu em Belem de Judá o meu libertador, o Messias prometido! Não traz na fronte estampado a tyrania dos monarchas do seu tempo; mas atravez d'aquella fronte angelica e divinal divisa-se-lhe o amor mais excessivo, a misericordia e clemencia inegalaveis a par da justiça: nem d'outro modo podia ser, porque era Deus. Não assombrou o mundo com a grandeza do seu berço, nem com a riqueza deslumbrante das suas faxas, porque por paço teve uma manjedoura, por faxas uns alvos panninhos; mas extasiou os anjos do empyrio com a belleza da sua fronte, obrigando-os a fazer-lhe companhia e despertou uma alegria universal fazendo convergir para junto do seu berço em alegres e festivos canticos os pastores e reis do Oriente, intimando as estrellas a ensinar-lhes o caminho. Oh! aquelle Infante divino era o prometido para resgatar o genero humano que a fatal transgressão tinha avassalado; por isso quando desceu do seio do seu Eterno pae por intermedio de Maria, ao presepio de Belem, os anjos e os homens lhe entoaram «Hosanas». Dia de Natal! dia festivo!

alegre para todos, porque nos recorda o nosso livramento da tyrannia da serpente e a nossa Redempção gloriosa. Exultemos n'este dia tão festivo e entoemos o hymno festivo da nossa redempção: «Gloria a Deus nos céos e na terra paz aos homens». Enxuguemos o nosso pranto e vamos juntos do berço do Menino como os Reis do Oriente offerecer-lhe a nossa myrra, o nosso incenso, o nosso ouro.

M. M.

A QUESTÃO SOCIAL

O idealismo social

Comquanto seja antiga, está ainda longe do seu termo esta aliás muito debatida questão social. A classe operaria, adoptando a maxima latina *quod volumus, facile credimus*, corre a olhos fechados para o futuro, sem ponderar se todas as utopias promettidas se podem ou não realisar.

Mas convem que acreditem, que não passa d'um sonho, e um sonho irrealisavel a maxima parte do que lhes tem promettido os pontífices magnos do socialismo.

Os operarios podem aspirar a um futuro prospero, e relativamente desafogado, se, tratando da sua illustração, acatarem os seus chefes e superiores, e se seguirem, acompanhados dos industriaes, as maximas do Evangelho, e ensinamentos, provenientes das sabias encyclicas do grande apostolo da civilisação, que se chama Leão XIII.

Convençam-se de que só o ideal christão lhes dará o seu apetecido *el-dorado*.

Quem se tem, do coração, interessado pelo operariado? A Igreja Catholica. Já antes do seu estabelecimento, o Redemptor da humanidade lhes deu carta d'alforria, quando elle era escravisado pela aristocracia romana, afferrada ás maximas da philosophia epicurica e ás loucuras da mythologia pagã.

E depois que Jesus subiu ao céu, ficou a sua Igreja depositaria da sua doutrina e obedecendo ás suas santas leis. E desde então foi sempre a Igreja que suavizou a vida dos proletarios, defendendo-os contra as arbitrariedades dos grandes e dos poderosos.

E hoje que a democracia, apoz a revolução franceza, se tornou concededora dos seus direitos, sem tratar de inquirir quaes eram os seus deveres, (o que devia sempre essencialmente ponderar), erguendo a cabeça, guiada por conselhos insensatos de maos e de falsos apostolos que a guiam para o mal, teve por protector desvelado o sabio chefe da Igreja Catholica que lhes mostrou o caminho da verdade e da razão.

E' esse o unico que tem a seguir. A notavel encyclica *Rerum novarum* ensina o trilho a seguir, tanto para o capital como para o trabalho.

E a prova de que a semente vae germinando em bom terreno é que se vão formando successivos Circulos Catholicos de Operarios, que querem seguir as maximas ensinadas por quem tem auctoridade para o fazer. E, convencendo se afinal o operario que tem a dita de viver em paizes catholicos, que só seguindo as maximas da Santa Igreja de Jesus é que encontra a verdadeira felicidade na terra, e depois a corôa da eternidade, não ha mais quem leia Proudhon, nem quem se extasie ante as utopias de Karl-Marx.

A.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

O sr. dr. Miguel Ferreira d'Almeida, illustre conego da Sé de Vizeu, e redactor principal da *Revista Catholica*, acaba de ser agraciado por Sua Santidade com a condecoração da Cruz d'ouro de 1.ª classe «Pro Ecclesia et Pontifice».

Ao nosso querido collega damos sinceros parabens, por esta distincção, conferida pelo nosso soberano Pontífice; e se só agora o *Progresso Catholico* o felicita, é porque se não recebeu n'esta redacção o numero 6 da *Revista Catholica*, em que vinha publicada essa fausta noticia.

—Recebemos e agradecemos o n.º 2, 3.ª serie do nono anno da apreciavel revista bracarense a *Voz de Santo Antonio*, correspondente ao mez de fevereiro. Traz 3 gravuras, a cidade do Funchal e os viscondes da Pesqueira.

—Igualmente recebemos o n.º 264, 3.º do tomo XXIII, da excellente revista mensal lisbonense, *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. E' órgão mensal do «Apostolado da Oração». Agradecemos.

—Está tambem publicado o n.º 10 do quarto anno das *Folhas Soltas*, de que é redactor o rev. sr. Padre Benvenuto de Souza.

—Por um lapso de revisão, escapou no nosso numero anterior, sair a palavra reverendo anteposta ao nome do sr. Lemos Ferreira, asim: «*Rev. Lemos Ferreira*», quando deveria ter saído sr. Lemos Ferreira, visto que o illustre e talentoso auctor da *Resposta ao Questionario sobre o Ensino Primario em Portugal*, não é ecclesiastico.

Exterior

Promettemos no nosso ultimo numero fallar n'este numero das faustuosas festas feitas em Roma, para solemnisar o vigesimo quinto anniversario da coroação do Summo Pontífice Leão XIII. Como, porém, essa descripção é um pouco extensa, e nós temos de dar logar á descripção das festas feitas n'esta cidade, reservamos essas noticias para o numero seguinte. Cumpriu se, porém, todo o programma, aqui já publicado, tendo sempre Sua Santidade apresentado uma esplendida apparencia, a despeito da sua propecta idade e dos muitos boatos que tem corrido ácerca da sua saude.

—Tem continuado as atrocidades dos turcos contra os pobres christãos da Armenia e da Macedonia, tendo sido trucidadas villas e aldeias inteiras, sem que as potencias da Europa tenham dado o menor rumor de si.

Houve grandes temporaes desde o mar do Norte, nas costas de Inglaterra, até ao golpho de Gasconha, em frente dos portos francezes. Perderam se muitas embarcações, e ha a lamentar grande numero de vidas.

AS NOSSAS GRAVURAS

A Annunciação de Nossa Senhora

Estava a Virgem castissima orando a seu eterno Deus, quando de repente uma luz fulgurante lhe illuminou o aposento. No mesmo instante o Anjo Gabriel appareceu diante de seus olhos, e, embaixador celeste, annunciou-lhe que o Deus omnipotente havia determinado que d'ella viesse ao mundo o Redemptor do genero humano, Aquelle que desde o principio da creação, e logo apoz o peccado de nossos primeiros paes fora destinado a redimir a humanidade, até ahi ré do peccado original.

A Virgem, sempre docil, sempre obediente, sempre respeitosa, curvou a cabeça e disse aquellas sublimes palavras, tam conhecidas de todos os bons catholicos:

«Aqui está a escrava do Senhor; seja feita a sua divina vontade...» E a conceição do divino Redemptor estava consummada, por graça do divino Espirito Santo.

A Abbadia de Cluny, em França

Quem passar pelo departamento de Seine e Loire, encontra uma pequena povoação, de cerca de quatro mil habitantes, a que os naturaes dão o nome de Cluny. E' todavia notavel pelo grande numero de casas antiquissimas que ahi se encontram, algumas d'ellas, ainda do tempo dos romanos. A abbadia é celebre, e cabeça da ordem beneditina. Foi obra de Guilherme, o Pio, duque de Aquitania e dota do anno 909 da era christã.

Sob as abobadas da abbadia de Cluny, viveram grandes homens que se illustraram, illustrando a sciencia que cultivavam. Ahi viveram, entre outros, S. Gregorio VII, e S. Leão IX.

Razão Philosophica

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

Consta, pois, em grande parte a presente publicação do que se acha nas notas do livro alludido, sobretudo o que respeita á primeira e terceira partes. De accordo com o titulo da mesma dividi o assumpto em tres partes; sendo o objecto da primeira—a razão philosophica; da segunda—a razão historica; e da terceira—a sua applicação social; precedendo-o de uma introdução, como esclarecimento; e seguindo-o de uma conclusão como complemento.

Estranharam algumas pessoas, que publicassemos sob anonymo o livro, a que tenho alludido. Fil-o porque me persuadi de que a qualidade de catholico do auctor o tornariam mais accetavel do que o nome obscuro do mesmo. Não obstante este agora vae com todos os indicativos; porque na verdade a sua acceitação depende da qualidade do assumpto, e do modo de o tratar. A importancia do assumpto não admite duvida; a deficiencia no modo de o tratar, não pôde, por diversas razões, deixar de ser grande; pelo que, tendo-se escripto muito, e muito bem, sobre o mesmo, pareceria agora inutil esta humilde tentativa; mas é que, sendo a religião constantemente hostilisada e por mil modos, nunca falta a oportunidade de a defender, e nem deve ser desprezada qualquer defeza da mesma. Alem do que espero a indulgencia, que merece a vontade de ser util, e o muito que deligenciaei acertar.

Nas citações tanto do Antigo como do Novo Testamento servi-me da traducção da Vulgata Latina pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Introdução

Foram a vida e a sociedade humana, que me forneceram os factos, que provocaram o estudo, com que emprehendo agora mostrar a verdade da fé catholica. N'esses factos um é o mal, tanto physico como moral, ou a miseria humana; miseria a que não poucas vezes

anda ligada a maldade, de que é effeito ou consequencia. De facto, qual é o homem isento de soffrer? nenhum—Miseravel condição! Ainda mais. Cedendo aos impulsos dos maus instinctos e das paixões ruins o homem tambem produz mal, e faz soffrer os outros homens. Em consequencia—miseravel e mau!

O outro facto é nos fornecido pela consciencia humana. Se é certo que no universo tudo tem um destino ou fim, de cujo cumprimento resulta a harmonia admiravel do mesmo; não o é menos, que os seus, que o compõem, teem tambem a aptidão natural para o satisfazerem; do mesmo modo que em cada ser cada orgão é apropriado ao seu fim Na terra, nos mais proximos ao homem, os animaes, é o instincto, a que obedecem cega e irresistivelmente, que lhes indica o que lhes convem fazer para se conservarem e reproduzirem, que é pelo menos o seu fim proximo e immediato. Ora, o homem emquanto ao fim não faz excepção; mas como ser intelligente deve não só conhecê-lo, mas tambem ter conhecimento dos meios, que deva empregar para o conseguir.

Esse conhecimento, posto que não seja claro, e adeante veremos porque, vamos a ver como o poderemos obter.

Direi em resumo o que me parece mais conforme á verdade, servindo-me para esse fim da consciencia humana. Não é a consciencia psychologica, ou aquella que tem por objecto o eu com todas as suas modalidades, a que peço auxilio, mas sim a consciencia moral, ou aquella voz interior que nos aconselha os nossos deveres, e que nos accusa, quando os não conseguimos.

E por que, e para que, teremos nós moralmente deveres a cumprir?—Onde a sancção, quando a sua transgressão fique fóra da alçada da acção humana?—Terão elles ligação com o nosso paiz?

E' um facto, que ainda não foi encontrado povo algum, por mais selvagem e embrutecido, que não tivesse uma religião; e por extravagantes e absurdas que sejam as crenças e praticas de muitos, d'esse facto geral resulta uma verdade, e é: que o homem tem ligação com o sobrenatural. E' uma verdade, que a razão descobre n'esse accordo de consciencia humana. E' tambem o que a propria palavra quer dizer; porque religião é palavra derivada do verbo latino religo, que significa «ligar».

Será então o fim do homem sobrenatural, e terá a religião em vista o cumprimento de deveres, que o liguem ao mesmo?—Parece que sim; mas é necessario, que a religião, para que seja verdadeira, dê não só ao homem um conhecimento claro do seu fim, mas tambem lhe forneça os meios de o conseguir, e certo é, que sendo o fim sobrenatural os meios devem ser da mesma natureza. Meios, porém, sobrenaturaes como teremos conhecimento d'elles? Só sendo-nos revelados, porque órgãos naturaes não temos, que nol-o deem. Para isso seria necessario, que as regras, pelas quaes se exerce a nossa intelligencia, nos dessem conhecimento de tudo o que necessitamos. E será isso assim? Oh! bem pelo contrario!... O homem nasce soffrendo, vive soffrendo, e morre soffrendo; a sua primeira necessidade, portanto, seria livrar-se de semelhante condição. E o que é que observamos? que elle em lugar de possuir os meios naturaes precisos para o annullar, ao contrario o aggrava com o seu procedimento irregular. E' uma condição fatal, não possui meio algum de se livrar d'ella.

Mas se o fim do homem é sobrenatural e de meios sobrenaturaes precisa tambem para o conseguir; visto que não tem meios naturaes de se livrar da desgraçada

condição, em que vive na terra, e visto que a religião é que por meios sobrenaturaes o liga ao seu fim, não haverá nunca, quem lhe ensine e explique a origem d'aquella desgraça, e lhe forneça também os meios de se livrar d'ella, attendendo a que semelhante condição não está d'accordo com a harmonia geral do universo? — Aqui a minha razão não pôde deixar de exultar de jubilo, porque achou!... achou o que desejava e precisava para conhecer a causa d'aquelles factos, que ha muito dolorosamente me impressionam, isto é, da miséria e da maldade humanas. Esse conhecimento dá-o a fé religiosa, que professa e ensina a Igreja Catholica; a qual, ao mesmo tempo que mostra, que a transgressão de uma lei, ou de um preceito, lançou o homem na desgraça, em que vive na terra, ensina lhe o modo de annullar os effeitos d'essa transgressão, isto é, o unico modo como se pôde rehabilitar, e voltar á felicidade primitiva, ministrando-lhe os recursos necessarios para o conseguir.

O que é então a fé?

«A fé, diz o cathecismo, é uma luz sobrenatural, e um dom celestial, é uma virtude divina, que Deus nos infunde, e que nos inclina, e leva a crer tudo o que «Elle mesmo tem revelado á Igreja.»⁽¹⁾

A fé não é, como se vê, a consciencia que todos os homens teem; não é a razão, que todos possuem mais ou menos desenvolvida; não é nenhuma das faculdades da alma, que em todas se manifestam em maior ou menor grau, mas, se não em todos, pelo menos em muitos a fé manifesta-se por seus effeitos; o homem crê por effeito da fé; logo a fé existe, a fé é alguma coisa.

Mas como é que a fé actua sobre o homem?—E' certo que ella não affecta as faculdades da alma. O homem tem a consciencia de que crê; mas apesar de que para crer precisa de que o ensinam, não a tem do que n'elle se operou, para que produzisse esse effeito; porque fé e crença não são a mesma cousa, posto que de ordinario se empregam essas palavras indistinctamente; antes entre uma e outra ha a mesma differença que entre a causa e o effeito.

Quando S. Pedro, respondendo a nosso Senhor Jesus Christo, Lhe disse:—«Tu és o Christo Filho de Deus vivo»—sabia elle a razão porque assim falava? não, mas explicou-lh'a o Senhor nas seguintes palavras: «Bemaventurado és Simão, filho de João, porque não «foi a carne e o sangue quem t'o revelou, mas sim «meu Pae, que que está nos céos»—o que me parece querer dizer: não foi por uma precepção natural, que adquiriste este conhecimento, mas sim pela fé, que operou em ti pela Graça de meu Pae, sem que d'isso tivesses consciencia.

Sendo assim, parece natural suppor, que a alma adquire a fé por meio da mesma concepção, inteiramente independente da acção dos órgãos materiaes. E assim como para haver concepção material é necessaria uma certa disposição organica, que constitue a fecundidade; assim também para a concepção espiritual da fé se torna indispensavel uma disposição especial do homem, que me parece ser aquelle estado de humildade e conformidade, que o Nosso Senhor Jesus Christo definiu do seguinte modo:—«Todo o que não «receber o reino de Deus como um menino, não entrará n'elle⁽²⁾» Assim pois, como uma creança recebe o leite materno, que é a alimentação fundamental, base do seu ulterior desenvolvimento para a vida temporal;

assim também os fieis devem receber a doutrina da fé, base e fundamento indispensaveis para a sua habilitação á vida eterna. Por isso no Evangelho os mestres da doutrina são chamados ovelhas, e os fieis cordeiros, e pastor de todos o Mestre infalivel, que a todos ministra o alimento conveniente.

—«Apascenta os meus cordeiros; apascenta as minhas ovelhas.» (S. João, XXI, 15 17).

Como crianças em receberem tudo o que concorrem á fé se teem postado todos os santos, entre os quaes se contam homens distinctos pelos dotes e cultura da intelligencia.

Aquelle sentimento de profundissima humildade e e inteira conformidade com a vontade divina foi o que a Virgem Immaculada excellentemente exprimiu, quando ao Anjo, que a saudava, respondeu: — «Eis aqui a Escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra»;⁽³⁾ o que a tornou apta para a mais prodigiosa concepção—a concepção do Verbo Divino—Sendo que o toque da Graça precede aquelle sentimento, e é o convite, que Deus faz ao homem; o que se acha exemplificado no convite das bodas do Evangelho, o qual não acceitaram os que andavam mui preocupados com as coisas d'este mundo; e por fim, sendo convidados todos quantos se encontraram, foi expulso o que não trasia a veste nupcial, isto é, aquelle em quem ao toque divino de Graça não respondeu o supredito sentimento, e que por isso se tornou refractario á sua acção.

(Continua)

Encyclopedia portugueza illustrada—Recebemos o fasciculo 222 d'este magnifico dicionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico Cirurgica do Porto.

Comprehende 338 artigos e 11 figuras (*france a franque*). Entre os artigos principaes d'este fasciculo, citaremos: *Francioni de Souza*, do snr. dr. Valentim de Magalhães; *Franco* (Jorge Torres da Costa) e *Franco* (Francisco de Mello), do snr. dr. Valentim de Magalhães; *Franco Pinto Castello Branco*, do snr. Firmino Pereira; e *Franklin* (Francisco Nunes), do snr. dr. Valentim de Magalhães.

Continua a assignar-se este esplendido dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

—Recebemos também e agradecemos o fasciculo n.º 70 da *Biblia Sagrada*, versão do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, e commentada e annotada pelo rev.º Santos Farinha, professor de lingua hebráica, no Seminario de Lisboa.

Continua a assignar-se na Livraria Moderna, rua Augusta n.º 95, Lisboa.

—Recebemos e muito agradecemos a *Carta Pastoral*, publicada, para a quaresma de 1903, pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Mendes Bello, arcebispo-bispo do Algarve, contendo também os mappas do rendimento da Bulla da Cruzada e do Dinheiro de S. Pedro, e das offertas para os logares Santos.

—Tambem recebemos e igualmente muito agradecemos a *Pastoral* que aos seus diocesanos acaba de dirigir o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} snr. D. Manoel Agostinho Barreto, bispo do Funchal, que como a outra a que acima nos referimos, vem primorosamente escripta.

E' também com referencia aos preceitos quaresmaes d'este anno de 1903.

(1) Cathecismo de Astete, explicado por Measo. Tradução do sr. José d'Urcullu, 3.ª edição. pag. 250.

(2) S. Marc. X, 15.

(3) S. Luc. I, 38.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres,
Doutores da Egreja
e outros eminentes auctores e coordenadas por*

A. J. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.^a EDIÇÃO

Preço, enc. . . 200 reis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

Vertido d'um livro allemão por

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com aprovação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo

3.^a EDIÇÃO—Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos»

Preço, enc. . . 160 reis

Padre Affonso Muzzarelli

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM
PARA TODOS OS DIAS

*E tocantes exemplos extrahidos das obras de
Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal
D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . 160 reis

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peizoto do Amaral

1 vol., broch. . . 400 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	1\$000 »

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPORVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc.	250 reis
Douradas	500 »

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

*Meditações para o seu mês ou para qualquer
tempo do anno
com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias*

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indugenciado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol., enc., 300 reis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado;
paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.